

A ORDEM VS COM FUNÇÃO APRESENTATIVA EM RELATOS DE CRIANÇAS DE 4 A 9 ANOS*

ANA ZILLES
UFRGS

1 – INTRODUÇÃO

A ordem VS (verbo-sujeito) tem sido associada à função apresentativa, ou seja, à introdução de informação nova no discurso, não só em português, mas em inúmeras línguas, conforme Pontes (1987), Naro & Votre (1986), Givón (1988), Hetzron (1975), Lambrecht (1986), entre outros. Paralelamente, a ordem SV tem sido associada à continuidade do tópico, à informação dada, pressuposta e previsível.

Neste trabalho, pretendo demonstrar que, embora essas tendências de uso da ordem possam ser quantitativamente atestadas, a escolha entre uma ou outra depende não só do parâmetro previsibilidade (ou status informacional do tópico), mas também do parâmetro importância do tópico no discurso, tal como proposto por Givón (1988). De acordo com esse parâmetro e considerando a oração como unidade de análise, a informação mais importante tende a ser expressa em posição inicial ou pré-verbal, ao passo que a informação menos importante tende a ser expressa em posição final ou pós-verbal.

Desse modo, em contextos discursivos como o da narrativa, em que o falante identifica claramente o participante mais importante,¹ observa-se uma tendência a organizar a seqüência discursiva de forma hierárquica pela centralização nesse participante. Isso pode ser feito através da distribuição da informação antes e depois do verbo, da continuidade da referência com retomadas constantes e da relação figura-fundo no interior da oração ou entre orações.

* Apresento aqui parte do estudo realizado em minha tese de doutorado, intitulada "A ordenação de sujeito, verbo e objeto no discurso narrativo de crianças de 4 a 6 anos" (PUCRS, 1992), acrescida de novos dados coletados, sob minha orientação, por alunos do Curso de Especialização "Ensino de Língua e Literatura em I e II Graus", da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras (FAPA) em 1993.

¹ Para definir participante mais importante, levo em conta a noção de sujeito temático proposta por Karmiloff-Smith (1986) e os critérios identificados por McGann & Schwartz (1988).

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

- CLEMENTE, Ir. Elvo. *Leitura & Crítica Literária*. 1990, 185p. Coletânea de ensaios do autor abordando a teoria e a prática da crítica Literária, em co-edição com a Livraria Editora Acadêmica Ltda.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 PORTO ALEGRE - RS
BRASIL
FONE: (051) 339-1511 Ramal: 3323
FAX: (051) 339-1564

Exemplifica essa estratégia de organização discursiva, em narrativas de adultos e de crianças, a **Introdução de participantes secundários** através da ordem VS ou AdvVS, principalmente com verbos intransitivos, e da ordem SVO, em que S é a personagem principal e O é o novo participante. Essa construção envolve especialmente verbos como **ver** e **encontrar** (cf. Zilles, 1992 e 1994, Combettes, 1986 e Lambrecht, 1986). Em qualquer caso, a informação nova, mas **secundária**, aparece depois do verbo.

Por outro lado, quando a **informação nova é importante ou o falante deseja marcar que contrasta** com o que estava sendo dito previamente, ela tende a ser apresentada em posição inicial ou pré-verbal, através de diversas construções, dentre as quais a ordem SV e estruturas marcadas como a Topicalização de Objeto (ordem OV), os Deslocamentos à Esquerda e a Construção de Tópico (Pontes, 1987; Zilles, 1992).

Neste trabalho, examino a linguagem de crianças de 4 a 9 anos e de adultos, a fim de investigar o uso da ordem sintática com função apresentativa em uma situação discursiva atípica em que o falante não conhece o conteúdo das gravuras sobre as quais deve contar uma história, não dispondo, portanto, de uma representação hierárquica prévia do que vai dizer.

Para dar conta dessa tarefa, o falante poderia tentar recorrer à macroestrutura da narrativa, provavelmente internalizada a partir dos 6 anos (Peterson & McCabe, 1983), impondo ao seu discurso uma organização que corresponda às suas expectativas sobre como uma narrativa deve ser ou costuma ser. O problema é que, nesta investigação, o recurso a essa estratégia gera uma situação de conflito para o falante, porque a seqüência de gravuras que ele deve tomar por base contraria significativamente o modelo desse tipo de discurso.² Em função disso, o discurso elicitado com essas gravuras recebe a denominação de relato, em contraposição a narrativas típicas.

Meu objetivo é determinar o que o falante faz quando não tem clareza sobre a importância dos participantes representados. Uma primeira hipótese é a de que a ordem VS ocorra como uma estrutura sintaticamente determinada, favorecida por verbos intransitivos associados à função apresentativa, independentemente do parâmetro importância. Nesse caso, o comportamento do falante deveria ser o mesmo diante de uma seqüência de gravuras que favorece uma narrativa típica e de outra que dela se afasta. Para discutir essa hipótese, retomo os resultados de outro estudo (Zilles, 1994) com os mesmos sujeitos, onde a ordem com função apresentativa foi analisada a partir de narrativas típicas que tomam por base um livro de história de Eva Furnari.

² Na seção 3 apresento análise detalhada das incongruências entre as gravuras e o modelo de narrativa descrito na narrativa.

Outra hipótese é a de que, na falta de critérios para sinalizar diferentes graus de importância, o falante escolha a construção mais neutra, não marcada na língua (SV em português), de uso mais geral, e não a ordem marcada (VS), de uso mais raro e especializado para determinadas funções. Em consequência, postula-se que, ao fazê-lo, o falante opte por uma organização seqüencial, local, e não por uma organização hierárquica, global. Essas duas soluções podem bem ser representadas, de um lado, pelo discurso que tipicamente apenas descreve as gravuras, e de outro, pelo que tipicamente narra uma história. Para a discussão dessa segunda hipótese, também comparo os resultados da narrativa típica com os resultados do relato.

Do ponto de vista do desenvolvimento da criança, a literatura apresenta duas hipóteses acerca da aquisição de ordens inversas como VS e OSV (Objeto-Sujeito-Verbo). A primeira hipótese é a de que essa seja uma aquisição tardia, posterior aos 5 anos, justificada com base na preferência da criança pela ordem canônica (C. Chomsky, 1969 e Karmiloff-Smith, 1986:456). A segunda hipótese é a de que essa seja uma aquisição precoce, anterior aos 5 anos, nas línguas em que há flexibilidade de ordenação com motivação pragmático-discursiva, conforme expõe Berman (1986), entre outros. De acordo com essa hipótese, a criança, a partir dos 4 anos, estaria progressivamente voltada para a aquisição das regras discursivas de sua língua, dentre elas estando, para o português, o uso de ordem SV e VS. Se a criança é sensível às regras discursivas, prevê-se que apresente comportamento distinto no relato e na narrativa.

Além disso, admitindo que o processo de aquisição seja multideterminado, argumento que a língua que está sendo adquirida é um dos fatores que determinam esse processo no que diz respeito a quais estruturas são adquiridas, quando surgem, em que ordem surgem e quando podem ser consideradas dominadas pelas crianças. Neste trabalho discuto especificamente a questão do domínio das regras discursivas de ordenação. Tomando a linguagem do adulto como parâmetro, procuro estabelecer a partir de que idade o comportamento da criança dele se aproxima na tarefa relato com gravuras. Cabe registrar, porém, que, na investigação sobre a narrativa típica, essa aproximação pôde ser observada de forma mais significativa a partir dos 7 anos.

2 – METODOLOGIA

2.1 – Sujeitos

Os sujeitos são 36 crianças, subdivididas em seis grupos (4, 5, 6, 7, 8 e 9 anos), cada um com três meninos e três meninas, e um grupo de 6 adultos (três homens e três mulheres, entre 20 e 35 anos). Todos são falan-

tes de português, da região metropolitana de Porto Alegre. Todas as crianças freqüentavam pré-escola ou escola e não havia registro de problemas de desenvolvimento em suas fichas escolares. A seleção foi aleatória quanto a aspectos sociais.

2.2 – Coleta

A tarefa solicitada foi contar uma história baseada em uma seqüência de gravuras criada para essa finalidade. Para todos os falantes o relato foi produzido à medida que observavam cada gravura pela primeira vez, de modo que as estratégias de organização discursiva adotadas refletem seu esforço de construir um todo coerente a partir das gravuras, sem conhecimento prévio da seqüência de ações/fatos e da relevância dos detalhes das imagens para essa construção.

A coleta de dados das crianças foi realizada nas respectivas escolas. Sua fala foi gravada em áudio. Os adultos foram entrevistados em suas casas ou local de estudo/trabalho. A tarefa foi precedida de um período de conversação com o entrevistador, com a finalidade de promover descontração e maior familiaridade.

2.3 – O Instrumento

O instrumento de coleta consiste de uma seqüência de 7 gravuras, arquivadas em uma pasta. Em cada folha havia apenas uma gravura, de modo que a criança não poderia antecipar informações, a menos que virasse a folha para observar a gravura seguinte, o que não era permitido. As gravuras, desenhadas a nanquin, foram fotocopiadas e coloridas com lápis de cor. Referiam-se a uma seqüência de atividades cotidianas, cronologicamente interligadas entre si, sem um núcleo causal importante, sem uma situação de conflito a ser resolvida.

É importante ressaltar que numa tarefa de contar história a partir de gravuras, a atribuição de importância aos participantes das situações representadas depende dos seguintes aspectos:

a) do estabelecimento de quatro continuidades que, segundo Givón (1984:245), conferem unidade temática ao discurso: as continuidades de lugar, tempo, ação e participantes;

b) da identificação do conflito e de relações causais entre as ações ou eventos, conforme Adam (1984);

c) da construção de uma representação mental global, integradora desses elementos em torno de um eixo temático que, nas narrativas, costuma ser a personagem principal, conforme Karmiloff-Smith (1986), Garham (1985) e Strömquist & Day (1993), entre outros.

De acordo com Adam (1984:15) as três condições mínimas para que uma seqüência de proposições seja uma narrativa são: a constância dos

participantes, a lógica das relações (geralmente causais) entre os predicados e a sucessão dos processos. Na seqüência de gravuras testada, apenas a última condição é facilmente percebida, pois há descontinuidade de participante e de local na terceira gravura e não há uma relação necessária entre os acontecimentos.

Nesse sentido, essa tarefa testa o procedimento da criança na solução de um problema (Karmiloff-Smith, 1986: 461), qual seja, as incongruências entre o modelo de narrativa, a solicitação do entrevistador para que contasse uma história e o conteúdo das gravuras. A tarefa, portanto, requereria a introdução de algo externo ao conteúdo das gravuras para interligá-las. Karmiloff-Smith (1986:469-70) refere-se a situações similares em sua investigação, com o objetivo de verificar se a criança imporia uma estrutura geral à seqüência de gravuras, descrevendo-as em conformidade com essa estrutura. Se isso não ocorresse, a criança apenas descreveria cada gravura, justapondo enunciados sem conexão temática evidente.

Para uma visão mais clara do problema, descrevo o conteúdo de cada gravura e sintetizo, a seguir, através de um diagrama, os aspectos mais importantes da estrutura do relato que as gravuras sugerem.

Gravura 1 – uma menina está ao lado da porta aberta de sua casa, olhando para o jardim. Ela está do lado de dentro da casa e há um regador no chão, junto ao marco da porta. A cena é vista a partir do interior da casa. Não há nenhum outro participante na gravura.

Gravura 2 – A mesma menina está pegando o regador. A cena é vista do exterior da casa, a partir do jardim. Não há outro participante.

Gravura 3 – Um menino está abrindo o portão do jardim, trazendo uma bola na mão. A menina e a casa não aparecem na gravura, caracterizando ruptura de lugar, participante e ação. Há, pois, significativa junção de descontinuidades.

Gravura 4 – A menina reaparece e está colocando água num canteiro de plantas apresentado em primeiro plano. A menina é vista de frente e, atrás dela, está o menino, parado, com a bola na mão, observando-a. Ao fundo vê-se a cerca e o portão aberto, por onde o menino entrou, dessa forma retomando itens da gravura anterior e ligando os dois locais aparentemente distintos até então. Através desses elementos seria possível confirmar a continuidade de local e tempo, e até certo ponto, de participantes.

Gravura 5 – Aqui há nova situação de descontinuidade de participantes, pois as duas personagens não aparecem na gravura. O que se observa é um canteiro de plantas em primeiro plano, onde aparece, com destaque, uma planta diferente com uma flor vermelha. O cenário maior não está representado e a gravura usa a técnica de *close up*, detalhando um aspecto do contexto global. Cabe ressaltar que esse participante (a flor) era necessariamente secundário e relacionado com a personagem principal (a menina). Ao mesmo tempo, por resultar da ação levada a cabo pela menina

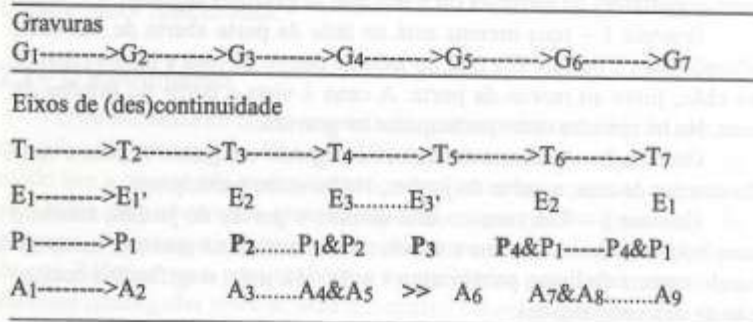
(aguar as plantas), poderia ter certa importância, decorrente da relação causa-efeito, essencial na narrativa típica, mas pouco relevante para o andamento do relato.

Gravura 6 – Nessa gravura a menina reaparece e está correndo, de braços abertos, em direção ao portão. Do lado de fora do portão, vê-se um homem (o pai da menina). Ambos estão sorrindo. A cena é vista de fora do jardim, tendo a rua como ponto de partida. O menino não aparece. Aqui há, simultaneamente, continuidade de participante (a menina) e descontinuidade (inclusão do pai e exclusão do menino).

Gravura 7 – A menina está entrando em casa, com o regador na mão, seguida pelo pai. A cena é vista do interior da casa, a porta está bem aberta e, ao fundo, vê-se o jardim e o portão, também aberto. O menino não aparece.

No diagrama abaixo é possível visualizar simultaneamente as continuidades e descontinuidades recém descritas.

Figura 1 – (Des)Continuidades no relato com gravuras



Legenda

T – Tempo

E – Espaço

P – Participante

A – Ação

& – conjunção na gravura

>> – relação causal

-----> continuidade

..... quebra parcial de continuidade

As descontinuidades observadas na figura 1, aliadas à ausência de conflito, mostram claramente a distância entre essa seqüência de gravuras e a narrativa típica.

Além disso, Garnhan (1985:153-54) chama atenção para o fato de que, em tarefas experimentais de compreensão de descrições com adultos,

ficou evidenciado que a construção de uma representação mental era mais fácil se cada sentença sucessiva retomasse um objeto introduzido na sentença anterior, mas era mais difícil se houvesse descontinuidade referencial ou se as relações entre objetos era indeterminada. A seqüência de gravuras aqui testada parece ter as propriedades que dificultam a tarefa de construção de uma representação mental global, em virtude das descontinuidades já referidas e da indeterminação das relações entre participantes e ações. Frente a isso, o falante pode responder com estratégias de organização linear, furtando-se a construir a representação hierárquica global. É o que discuto na seção dedicada aos resultados.

2.4 – Análise dos dados

A análise consistiu na identificação do enunciado em que o menino, a flor e o pai foram mencionados pela primeira vez. Cada enunciado foi, então, categorizado de acordo com as seguintes possibilidades: SV, VS, (s)VO e outras construções. Na discussão dos resultados, concentro-me apenas nas ordens SV e VS.

3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados revela que a função apresentativa é preferentemente realizada, no relato, pela construção SV, com percentuais acima de 60% para todas as idades, exceto adultos e crianças de 5 anos. Já à ordem VS correspondem índices baixos – entre 5% e 33% – em todas as idades. Observe-se a tabela 1.

Tabela 1 – Ordem sintática e função apresentativa (relato)

	Prê-Verbal		Pós-Verbal					
	SV		VS		VO		Outras	
	N	%	N	%	N	%	N	%
4	11	62	1	5	2	11	4	22
5	5	28	6	33	3	17	4	22
6	11	62	1	5	1	5	3	17
7	11	62	5	28	1	5	1	5
8	14	78	3	17	1	5	-	-
9	11	62	4	22	2	11	1	5
Ad	5	28	5	28	7	39	1	5

Esse resultado favorece a hipótese de escolha de ordem não marcada (SV) pela ausência dos critérios típicos para definir a importância dos par-

ticipantes e pela dificuldade de construir uma representação global do conteúdo a ser relatado.

Entretanto, como a importância poderia estar ligada a traços inerentes aos participantes, apresento, a seguir, nas tabelas 2 e 3, os resultados relativos ao traço [humano], com base na expectativa de que a ordem VS seja favorecida pelo traço [-humano], uma vez que participantes com esta característica tendem a ser menos importantes (conforme as hierarquias de topicalidade apresentadas por Givón (1988:249 e 1989:212).

Tabela 2 – Ordem sintática e apresentação de participante secundário (a flor) com o traço [-humano] no relato

	Pré-Verbal		Pós-Verbal					
	SV		VS		VO		Outras	
	N	%	N	%	N	%	N	%
4	4	66	-	-	-	-	2	33
5	2	33	3	50	-	-	1	16
6	3	50	1	16	-	-	2	33
7	4	66	2	33	-	-	-	-
8	5	83	1	16	-	-	-	-
9	4	66	1	16	1	16	-	-
Ad	2	33	1	16	2	33	1	16

O exame da tabela 2, ao contrário do esperado, revela tendência de uso da ordem SV para participante [-humano], sugerindo que a atribuição de importância não decorre do traço estudado, como uma estratégia ad hoc, para cada participante, em função de suas características inerentes, e sim de uma estratégia global de hierarquização das informações no discurso. O exame da tabela 3 parece confirmar isso, uma vez que não há diferença significativa entre a introdução de humanos e não humanos, ou seja, no relato, os entrevistados mostraram uma certa preferência pela ordem SV para introduzir novos participantes no discurso. Essa preferência é atestada por percentuais de ordem SV sempre superiores aos de VS e, mesmo, aos de VS e VO juntos, exceto para crianças de 5 anos, em que os resultados estão dispersos. Por outro lado, a preferência por ordem SV não ocorre nos adultos: 25% de ordem SV contra 74% de ordem VS/VO.

Tabela 3 – Ordem sintática e apresentação de participantes secundários (o menino e o pai) com o traço [+humano] no relato

	Pré-Verbal		Pós-Verbal					
	SV		VS		VO		Outras	
	N	%	N	%	N	%	N	%
4	7	58	1	8	2	16	2	16
5	3	25	3	25	3	25	3	25
6	8	66	-	-	1	8	3	25
7	7	58	3	25	1	8	1	8
8	9	75	2	16	1	8	-	-
9	7	58	3	25	1	8	1	8
Ad	3	25	4	33	5	41	-	-

Esses resultados, em geral, parecem favorecer a hipótese de escolha de ordem não marcada quando o falante não dispõe de critérios para julgar a importância dos participantes. Não há evidências de que haja uma diferença significativa entre as idades e, estranhamente, a que mais se aproxima do comportamento dos adultos é a dos 5 anos, ao contrário do que a literatura costuma identificar. Essa observação, contudo, não é discutida aqui, uma vez que optou-se por comparar esses resultados com os encontrados na narrativa típica. É o que se apresenta a seguir.

Na tabela 4 reunimos os resultados das duas tarefas, relato e narrativa (típica). De modo geral, no relato, a introdução de novos participantes é feita preferentemente por ordem SV, ao passo que, na narrativa, é a ordem VS que é a mais usada. Do ponto de vista do desenvolvimento, observa-se, nitidamente, diferenças de comportamento a partir dos 7 anos, quando a ordem SV não é mais usada para introduzir personagens secundárias no contexto da narrativa, em que a representação hierárquica é acessível.

Tabela 4 – Ordem sintática e função apresentativa em narrativa típica e relato, expressa em percentuais

	Pré-Verbal		Pós-Verbal					
	SV		VS		VO		Outras	
	N	%	N	%	N	%	N	%
4	25	62	50	5	8	11	16	22
5	33	28	33	33	25	17	8	22
6	16	62	67	5	8	5	8	17
7	-	62	75	28	25	5	-	5
8	-	78	84	17	8	5	8	-
9	-	62	75	22	25	11	-	5
Ad	-	28	100	28	-	39	-	-

O contraste de comportamento dos mesmos sujeitos nas duas tarefas sugere, portanto, que o acesso ao parâmetro importância desempenhe um papel significativo na construção de uma representação mental e na consequente escolha da ordem VS para a introdução de personagens secundárias. Na falta desse parâmetro, as crianças, mais do que os adultos, optam por ordem SV, o que é aqui interpretado como preferência por ordem não marcada e como estratégia linear de organização do discurso.

A tendência a usar ordens sintáticas diversas no relato e na narrativa favorece a interpretação de que o falante escolhe a ordem. Nesse sentido, não há uma determinação estritamente sintática relacionada com o uso de VS com função apresentativa e verbos intransitivos. Esse resultado é evidência favorável ao que dizem Naro & Votre (1986) sobre o condicionamento discursivo do uso da ordem em português e sobre o fato de que a característica essencial de VS não é a função apresentativa, e sim o caráter não temático, periférico, da informação veiculada pelo sujeito da oração. Ou, em termos do referencial teórico deste trabalho, o caráter menos importante desse participante.

Para finalizar, apresento, na tabela 5, os resultados discriminados por participante, no relato e na narrativa.

É interessante observar que a ordem VS é menos usada na situação de maior descontinuidade – a apresentação do menino no relato. Para muitas crianças, inclusive, houve aí uma ruptura, assinalada, em seu discurso, pelo uso da expressão "era uma vez", indicando que sua percepção era de que uma nova história estaria começando. Sem continuidade e sem critérios para definir importância secundária, a introdução do menino é feita por SV, o que pode ser interpretado de duas maneiras: ou a criança está atribuindo importância maior a esse participante, começando uma nova história, ou está usando uma ordem mais neutra na língua, justamente pela impossibilidade de estabelecer continuidade e hierarquização. A meu ver, novas investigações são necessárias antes de decidir por uma ou outra interpretação.

Tabela 5 – Ordem e função apresentativa, por participante, no relato e na narrativa

	Pré-Verbal		Pós-Verbal					
	SV		VS		VO		Outras	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Relato (M)								
4	4	66	-	-	-	-	2	3
5	2	33	3	50	1	16	-	-
6	5	83	-	-	-	-	1	16
7	3	50	2	33	-	-	1	16
8	5	83	-	-	1	16	-	-
9	4	66	1	16	1	16	-	-
Ad	2	33	2	33	2	33	-	-
(F)								
4	4	66	-	-	-	-	2	33
5	2	33	3	50	-	-	1	16
6	3	50	1	16	-	-	-	-
7	4	66	2	33	-	-	-	-
8	5	83	1	16	-	-	-	-
9	4	66	1	16	1	16	-	-
Ad	2	33	1	16	2	33	1	16
(P)								
4	3	50	1	16	2	33	-	-
5	1	16	-	-	2	33	3	50
6	3	50	-	-	1	16	2	33
7	4	66	1	16	1	16	-	-
8	4	66	2	33	-	-	-	-
9	3	50	2	33	-	-	1	16
Ad	1	16	2	33	3	50	-	-
Narrativa (D)								
4	1	16	3	50	1	16	1	16
5	2	33	1	16	3	50	-	-
6	1	16	3	50	1	16	1	16
7	-	-	4	66	2	33	-	-
8	-	-	4	66	1	16	1	16
9	-	-	4	66	1	16	1	16
Ad	-	-	6	100	-	-	-	-

	Pré-Verbal		Pós-Verbal					
	SV		VS		VO		Outras	
	N	%	N	%	N	%	N	%
(M)								
4	2	33	3	50	-	-	1	16
5	2	33	3	50	-	-	1	16
6	1	16	5	83	-	-	1	16
7	-	-	5	83	1	16	-	-
8	-	-	6	100	-	-	-	-
9	-	-	5	83	1	16	-	-
Ad	-	-	6	100	-	-	-	-

Ainda no relato, a ordem SV é menos usada para a apresentação do pai, que é a situação em que há maior continuidade. Essa tendência fica ainda mais clara na narrativa, em que a continuidade é facilitada pela presença da personagem principal em todas as gravuras e pela manutenção de um só local para os acontecimentos. Ao que tudo indica, as continuidades, ao lado da maior clareza e previsibilidade acerca das relações entre os participantes e suas ações, facilitam o estabelecimento de hierarquização temática e de representação mental do todo. Disso parece depender a escolha de ordem VS com função apresentativa, o que justifica afirmar que o parâmetro importância tem um papel mais significativo do que o parâmetro previsibilidade na determinação da ordem. Caso o parâmetro previsibilidade fosse o determinante, não haveria razão para um comportamento tão distinto dos mesmos falantes nos dois contextos discursivos: afinal, no relato e na narrativa, examinei os enunciados usados para introduzir novos participantes no discurso.

Do ponto de vista do desenvolvimento, o domínio dessas estratégias discursivas bastante complexas só encontra evidências favoráveis a partir dos 7 anos, conforme havia sido concluído no estudo parcial sobre as narrativas (Zilles, 1994). Essa conclusão merece destaque em vista de que a construção VS é a ordem marcada mais empregada por crianças de 4 a 6 anos em discurso conversacional, conforme Zilles (1992). Verifica-se, pois, que VS surge precocemente, é usada de forma adequada na conversação antes de tê-lo na narrativa. Isso se deve às exigências e à complexidade próprias desse tipo de discurso. Por outro lado, numa situação discursiva atípica e problemática, o recurso à ordem SV não pode ser interpretado como falta de competência discursiva das crianças, pois os adultos também recorrem a essa construção nesse contexto, se bem que em menor grau. A meu ver, trata-se, muito provavelmente, da referida opção por uma estratégia linear, conclusão que é reforçada pela maior incidência, em todas as idades, de relatos essencialmente descritivos, em que cada gravura é meramente descrita e os enunciados apenas se sucedem. Outros aspectos

associam-se a essa estratégia, dentre eles o uso de presente do indicativo em lugar de formas pretéritas. Mas isso terá de ficar para outra oportunidade.

4 - CONCLUSÃO

Em primeiro lugar, este estudo mostrou que, do ponto de vista das estratégias discursivas, é necessário distinguir entre uma narrativa típica e um relato de uma seqüência de eventos cronologicamente ordenados. Mostrou, também, que a percepção, pelo falante, de um conflito e de relação causal entre as ações favorece a construção de uma representação mental integrada de uma seqüência desconhecida de gravuras, o que transpõe no discurso pelo uso de construções sintáticas VS (e VO), que atribuem importância secundária ao participante nelas mencionado, resultando em maior coesão e coerência entre os enunciados. As descontinuidades de participantes, lugar e ação, provocadas pelas gravuras usadas na elicitação do relato, levam os mesmos falantes a utilizar construções diversas (SV de preferência) e a produzir um discurso menos coeso e coerente.

Do ponto de vista das hipóteses levantadas neste trabalho, as evidências não são favoráveis à primeira, de que a ordem VS seja uma estrutura sintaticamente determinada, favorecida por verbos intransitivos associados à função apresentativa. Ao contrário, o comportamento distinto dos mesmos falantes nos dois contextos evidencia que há escolha de ordem SV/VS e que essa escolha é discursivamente motivada. Além disso, o parâmetro importância, proposto por Givón (1988), parece dar conta melhor do uso de uma ou de outra ordem do que o parâmetro previsibilidade. Lembremos que, no relato e na narrativa, os enunciados estudados tinham, todos, a função de introduzir novos participantes no discurso. Se a escolha fosse determinada exclusiva ou primordialmente pelo parâmetro previsibilidade, os falantes provavelmente não teriam feito escolhas marcadamente diferentes num e noutro contexto.

Quanto à segunda hipótese, de que o uso de ordem SV no relato se deva à dificuldade de estabelecer uma hierarquia de importância em que todos os participantes estejam integrados, representando este uso uma estratégia de organização linear do discurso, pode-se dizer que as evidências são, à primeira vista, favoráveis. Mas, antes de fazer afirmações fortes, seria preciso relacioná-las com evidências acerca do uso dos tempos verbais (presente versus pretérito) para determinar até que ponto a ordem SV estaria, de fato, relacionada com discurso mais tipicamente descritivo e a ordem VS, com discurso mais tipicamente narrativo.

Na perspectiva do desenvolvimento, fica claro que até os 7 anos as crianças ainda têm dificuldades com a tarefa proposta, qual seja, a de con-

tar uma história a partir de gravuras sem conhecer, previamente, seu conteúdo. A dificuldade reside, a meu ver, em construir uma representação mental integrada por antecipação e usar os recursos sintáticos adequados. Diante de um estímulo problemático, as gravuras do relato, essa dificuldade é ainda maior e transparece pelo uso de ordem SV para introduzir novos participantes no discurso, em contraste com o uso preferencial de ordem VS com a mesma função na narrativa típica. Após os 7 anos, contudo, as crianças se mostram mais capazes de imprimir no discurso uma organização alheia às gravuras, fruto de seu processamento, como fazem os adultos.

Mas convém ressaltar que mesmo os adultos demonstraram estranheza frente às gravuras do relato, com comentários como "que gozada essa história". Essa estranheza certamente está relacionada com o fato de que suas expectativas foram quebradas: eram solicitados a contar uma história, mas não havia história propriamente dita para contar!

Dois comentários parecem decorrer disso. O primeiro, que os resultados do relato não podem ser interpretados como falta de competência comunicativa das crianças, ou falta de domínio das regras discursivas relacionadas com o uso da ordem sintática, mas sim como efeito da dificuldade do instrumento em si e da tarefa proposta. Talvez seu comportamento fosse diferente se tivessem podido observar as gravuras e refletir sobre elas antes de falar. O segundo comentário refere-se à necessidade de delimitar melhor, no estudo da linguagem da criança, o conceito de narrativa, relacionando-o com uma representação mental hierárquica, integrada e integradora, que permita a apresentação de um discurso coeso e coerente. As implicações dessa delimitação levam a questionar os procedimentos adotados em muitas pesquisas e, também, nas escolas, quando se estuda a narrativa.

Por fim, não posso deixar de reconhecer que os resultados aqui apresentados devem ser comparados com os enunciados apresentativos de narrativas espontâneas das crianças antes que se possa traçar, com clareza, o desenvolvimento no uso da ordem sintática com função discursiva neste tipo de discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J. (1984) *Le récit*. Paris, Presses Universitaires de France. 2 ed. 127 p.
 BERMAN, R. (1986) "A crosslinguistic perspective: morphology and syntax". In: FLETCHER, P. & GARMAN, M. (eds.) *Language acquisition*. 2ª ed. Cambridge, Cambridge Univ. Press. p. 429-47.
 CHOMSKY, C. (1969) *The acquisition of syntax in children from five to ten*. Cambridge, Mass., MIT Press.

- COMBETTES, B. (1986) "Introduction et reprise des éléments d'un texte". In: *Pratique*, (49):69-84.
 FURNARI, E. (1990) *A menina e o dragão*. Belo Horizonte, Formato Editorial.
 GARNHAM, A. (1985) *Psycholinguistics – Central Topics*. London, Methuen, 1985.
 GIVÓN, T. (1984) *Syntax: a functional-typological introduction*. vol. 1. Amsterdam, John Benjamins.
 ———. (1988) "The pragmatics of word-order: predictability, importance and attention". In: HAMMOND, M.; MORAVCSIK, E. & WIRTH, J. (eds.) *Studies in syntactic typology*. Amsterdam, Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, p. 244-84.
 ———. (1989) *Mind, code and context*. Hillsdale, N. J., Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
 HETZRON, R. (1975) "The presentative movement, or why the ideal word order is VSOP". In: LI, C. (ed.) *Word order and word order change*. Austin, University of Texas Press.
 KARMILOFF-SMITH, A. (1986) "Some fundamental aspects of language development after age 5". In: FLETCHER, P. & GARMAN, M. (eds.) *Language acquisition*. 2ª ed. Cambridge, Cambridge Univ. Press. p. 455-74.
 LAMBRECHT, K. (1986) "Pragmatically motivated syntax: presentational cleft constructions in spoken French". *Papers from the Parasession on Pragmatics and Grammatical Theory at the 22nd Regional Meeting – CLS 22*. Chicago Linguistic Society, p. 115-20.
 LI, C. & THOMPSON, S. (1976) "Subject and Topic: a new typology of Language". In: LI, C. N. (ed.) *Subject and Topic*. New York, Academic Press.
 MCGANN, W. & SCHWARTZ, A. (1988) "Main character in children's narratives". In: *Linguistics*, (26): 215-33.
 NARO, A. & VOTRE, S. (1986) "Discurso e ordem vocabular". In: *Anais do IV Encontro de Variação Lingüística e de Bilingüismo na Região Sul*. Porto Alegre, UFRGS – Instituto de Letras.
 PETERSON, C. & McCABE, A. (1983) *Developmental Psycholinguistics – Three ways of looking at a child's narrative*. New York, Plenum Press.
 PONTES, E. (1987) *O tópico no português do Brasil*. Campinas, Pontes.
 STRÖMQUIST, S. & DAY, D. (1993) "On the development of narrative structure in child L1 and adult L2 acquisition". In: *Applied Psycholinguistics*, v. 14 (2): 135-158.
 ZILLES, A. M. (1992) *A ordenação de sujeito, verbo e objeto no discurso narrativo de crianças de 4 a 6 anos*. Porto Alegre, PUCRS. Tese de doutorado, não publicada.
 ZILLES, A. M. (1994) "Estruturas marcadas em narrativas de crianças: VS com função apresentativa." In: *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL – Caxambu* (no prelo).